

O desassossego em Mia Couto na obra Mulheres de cinzas

Geysa Maquiné Batalha¹

Resumo: O presente estudo aborda acerca de inquietudes encontradas na obra Mulheres de Cinzas de Mia Couto. Desassossegos que perpassam as ideias de Bakhtin para analisar as situações ficcionais expressas, bem como na constituição psicológica e imaginário dos personagens, a partir de uma pesquisa bibliográfica, do método qualitativo parte-se de como o um desassossego é ressaltado na obra, a questão da mulher que logo é apresentado no título, Mulheres de Cinzas, que pelo contexto histórico-cultural especificamente retratados no livro, revela-se permeado pelo poder masculino sobre as mulheres e ainda, um poder entre colonizador e colonizados. Destaca-se a personagem Imani, que a única de sua tribo a dominar a língua portuguesa, a permite circular nesses dois mundos, nomeada de Cinza por sua mãe como forma de proteção, ela supera as convenções pré-estabelecidas às mulheres VaChopi. A mesma personagem, por essa característica de domínio do idioma do dominante, levanta a questão da ideologia onde o signo é condicionado em prol da ocorrência da interação, que no específico caso, em benefício dos interesses portugueses e implica também na questão identitária de um povo. E ainda, sob outra perspectiva, a manifestação do desassossego do português Germano presentes na primeira carta, em que se figura aparição do narrador masculino expressa em maneira epistolar.

Palavras-chave: Mulheres de Cinzas, Desassossego, Bakhtin.

66

THE DISQUIET IN MIA COUTO'S WORK MULHERES DE CINZAS

Abstract: The present study deals about restlessness found in the work Women of Ashes by Mia Couto. These restlessnesses go through Bakhtin's ideas in order to analyze the fictional situations expressed, as well as the psychological and imaginary constitution of the characters. The qualitative method is based on a bibliographical research that starts from how a restlessness is highlighted in the work, the question of women, which is presented in the title Women of Ashes, which, due to the historical and cultural context specifically portrayed in the book, is permeated by male power over women and also a power between the colonizer and the colonized. The character Imani stands out, the only one in her tribe to master the Portuguese language, which allows her to circulate in these two worlds, named Grey by her mother as a form of protection, she overcomes the conventions pre-established for VaChopi women. The same character, for this characteristic of dominance of the dominant language, raises the

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes (PPGLA) pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e docente da Educação Básica.

Indexadores:

issue of ideology where the sign is conditioned in favor of the occurrence of interaction, which in this specific case, in benefit of Portuguese interests and also implies the issue of identity of a people. And yet, from another perspective, the manifestation of the disquiet of the Portuguese Germano present in the first letter, in which the appearance of the male narrator expressed in epistolary manner.

Keywords: *Mulheres de Cinzas*, Disquiet, Bakhtin.

Indexadores:

1. INTRODUÇÃO

O livro *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto, tem como espaço narrativo Moçambique do século XIX, época em que o Estado de Gaza e Portugal estavam em guerra por disputa territorial, fato enredado durante toda a narrativa. Diante desse contexto de imposição de poder entre colonizador e colonizado, é perceptível a existência de um fenômeno comunicacional nessas relações sociais.

Para Bakhtin (2006), a fala não é algo inerente ou individualizado ao sujeito, e sim ao meio comunicacional intrínseco às conjunturas que este está inserido, que por sua vez estão conectadas em um sistema social. Imani, personagem envolta na narrativa, pertence a tribo africana VaChopi, mas por ter aprendido o idioma português, fato que é posto como superioridade em relação ao idioma nativo:

[...] - Agora, vá buscar o seu pai. Ele sente ciúme de nós.

- Ciúmes?

- De mim, por não lhe dar toda a atenção de si, porque foi educada pelos padres. Você

Dentro da visão que a mãe da personagem constrói linguisticamente quanto ao “valor”, é possível notar a ocorrência do que Cardoso (2019) o signo ideológico para o dialogismo no sentido conceitual de um caminho dual de pensamentos que são nítidas nas “lutas entre dominante e dominado” descrito por Marx na luta de classes.

Esse dialogismo criado entre os sujeitos, ressalta-se, que é fruto de interposição cultural, traz um desdobramento ao cenário trazido na narrativa, com a chegada de um militar português às terras africanas, tendo Imani como a única forma de exercício de um fenômeno social, definida por Bakhtin no que consiste na interação verbal e assim, estabelecendo o diálogo. O autor ainda corrobora que as relações de dominação, constituem o processo de comunicação para o estabelecimento das relações de poder dentro de um processo histórico que acabou sendo estabelecido entre os sujeitos.

Ainda no mesmo excerto, outro aspecto revelado é a questão de poder, num sistema de patriarcado em que a mulher tem a condição de subalternização, a qual é exposta por Robles (2019, p. 19) ao afirmar que “não importa quando nem como um membro de nosso sexo se subleve, sonhe ou batalhe, sempre irá se deparar com o invariável desafio da subcondição de delibidade que lhe é atribuída pelos homens [...]”, o que causa um desassossegar por causa das duas tentativas em que o homem confina a mulher em virtude dele mesmo, o primeiro em que a esposa deve exclusivamente servi-lo e a outra é o incômodo pela a mulher, representada pela figura da filha ter um grau de instrução a mais, o que pode fazer com que ela se sobressaia.

O livro intercala os seus narradores entre os relatos da personagem Imani e as cartas do português Germano, que por sua vez, pode-se traçar uma análise logo no primeiro texto

Indexadores:

epistolar na perspectiva enunciativa, em consonância com as ideias de Bakhtin dentro da concepção de enunciado como um acontecimento discursivo.

Outro ponto “desassossegante” na obra é o próprio título, Mulheres de Cinzas, que nos remete à instância da figura feminina atrelada às cinzas que por sua vez, traz o sentido de poeira, o que o fogo consome resulta em cinzas, em pó, o que pode significar o fim ou um recomeço.

2 A IDEOLOGIA ENTRE POVOS NUM SISTEMA DE COLONIZAÇÃO

Imani, personagem nativa de uma tribo africana, aprende a língua portuguesa por intermédio dos padres, Girola (2004, p. 322) afirma que “as formas do signo são condicionadas pela organização social dos indivíduos e pelas condições em que a interação acontece”. Na passagem a seguir, a personagem pela situação que estava inserida fez com que não conseguisse estabelecer a relação verbal-interacional, pois o pensamento e a fala se dissociaram para a formação do enunciado:

De repente fiquei muda, varreu-se-me todo o português. E, quando tencionei falar na minha língua natal, enfrentei o mesmo vazio. Inesperadamente, não possuía nenhum idioma. Disponha apenas de vozes, indistintos ecos.[...] (COUTO, 2015, p.64)

Para Bakhtin, a classe dominante tenta estabelecer o signo como único, em contrapartida o signo ideológico vivo tem multifaces. Girola (2004) ainda corrobora que a língua portuguesa possui as chamadas vozes sociais que compõem uma relação dialógica que envolve vários discursos por vezes consensuais ou contraditórios.

O retrato da colonização portuguesa sobre o povo africano é espelhado na obra, na passagem a seguir em que a personagem Imani, mulher negra é menosprezada, posta pelo homem posição de marginalização:

Tu, catraia, ficas aí fora. Aqui dentro, já sabes, vocês não entram.
E por que é que ela não entra? -inquiriu o militar.
É que aqui, meu caro sargento, eles já sabem: aqui há regras. Aqui, essa gente não entra.
As regras, a partir de agora, quem dita sou eu - afirmou o sargento.- Esta rapariga fala português melhor do que muitos portugueses. Pois ela veio comigo, e ela vai entrar comigo. (COUTO, 2015, p.65)

Nota-se no diálogo dos portugueses que, apesar de posicionamentos diferentes a respeito da personagem negra, ambas acabam desaguando na segregação. A primeira atitude do homem branco português revela o pensamento de poder por causa desse fato, que o permite definir quem pode adentrar, pertencer ao ambiente ao qual ele pertence, tanto que ele se dirige como “essa gente” enfatizando assim, a sua posição como dominante em relação ao outro. Já o comandante Germano, concede o “passaporte” de entrada àquele meio para a africana pelo

Indexadores:

fato da mesma ter o domínio da língua do colonizador e ainda sim, continua numa posição excludente dos nativos que não possui o domínio da língua portuguesa, e como consequência a fortificação da ideia de um povo inferiorizado e desvalorizado.

Em face do exposto, pode afirmar que a ideologia permeia entre dois signos, o linguístico e o próprio ideológico que envolvem a relação social, que por sua vez torna esse signo com abrangência a diversos sentidos, conforme que as interações acontecem .

3 A ENUNCIÇÃO NA CARTA INICIAL DE GERMANO

Germano, militar português, que configura a imagem do colonizador, além de personagem que compõe o enredo de Mulheres de Cinzas, em dados momentos passa a ter o papel de narrador por meios das cartas ao Conselheiro José D’Almeida. Os textos epistolares configuram como enunciados que podem atribuir diversos pontos de vista entre os sujeitos.

A carta é uma das formas mais aproximadas de diálogo, ou seja, uma espécie de fala manifestada de forma escrita, Francisco (2015) afirma que a relação entre remetente e destinatário podem ser entendidos como a intercalação entre os sujeitos do discursos definidos por Bakhtin. O autor ainda corrobora que a carta torna-se um “ discurso literário e poético”, mesmo de forma desintencional, isso se deve a escolha de termos, recursos linguísticos, valores e relações ideológicas dessas vozes.

O fundo cênico das cartas de Germano é a guerra entre Portugal e a tribo VaNguni, sendo que a tribo dos VaChopi estava do lado dos portugueses, para Bakhtin o tempo e o lugar, juntamente com o(s) sujeito(s) são elementos determinantes para a compreensão do enunciado, a chamada teoria da linguagem.

Na carta inicial, o português relata a sua chegada à Moçambique, bem como suas impressões sobre a guerra, mas em certos momentos em tom de desabafo, uma inquietude que mostra concepções que revelam seus valores, mesmo que estejam em desfavor ao que se espera dele, ainda revela a ciência do descontamento que poderia causar ao seu destinatário:

[...] Por este Portugal que me fez sair de Portugal. A minha Pátria é outra e ela está por nascer.[...]. Pobre reino o nosso que não reina nem aqui nem em Portugal.[...] Desculpe, Excelência, por este longo e triste desfile de confissões que são de ordem pessoal.[...] . (COUTO, 2015, p.36-37)

Para Bakhtin (2011, p.272) “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Sendo assim, ao retratar essa “explosão” do que sentia a respeito da pátria, esse signo acaba por ter uma segunda face de sentido para o português, aquela que o motivou a defender os interesses do país e nesse momento a outra que já não o reconhece nela.

Indexadores:

Em outro ponto, a figura do destinatário como receptor de um discurso, Bakhtin descreve como um elemento essencial para a construção do enunciado. Germano no momento que escreve o seu discurso por meio escrito, supõe o descontentamento do receptor ao ler a mensagem, tanto que finaliza a carta desculpando-se pelo relato pessoal, supondo que o Conselheiro José d' Almeida o compreenderá e diz vê-lo como uma figura paterna. Toda a preocupação do remetente quanto a forma que o receptor irá se pôr ao recebê-la, deve-se ao que Bakhtin descreve como linguagem dialógica, formando assim um exercício de interação, conforme explicita Pires (2002, p.43) " O autor do enunciado, esse avaliará seu destinatário e por aí modelará a forma e o modo de produção de seus enunciados, que serão diversos conforme a situação social", diante disso nota-se que a relação de locução e interlocução considera aspectos de situação social, juízos de valor e concepções.

Posto isso, as cartas fazem parte de um gênero textual em que o enunciado que considera a multiplicidade de outros sujeitos, considerando a forma que o locutor se porta estabelecendo uma relação dialógica que acarreta por vezes relação de enfrentamento entre as verdades do ser, uma vez que a linguagem não trata da individualidade anímica e sim marcada pelo múltiplos sentidos.

4. MULHERES E CINZAS, UMA ANÁLISE DO TÍTULO

71

Ao regressar no princípio da obra, o título, Mulheres de Cinzas carrega uma plurissignificação que é destrinchada ao longo da narrativa. Tomando como ponto de partida, inicia-se a reflexão da posição da mulher numa sociedade patriarcal, em que permeia o silenciamento diante das imposições masculinas, resta a essas mulheres buscarem uma fugacidade, mesmo que esta seja distante a elas.

O que justifica o uso da locução adjetiva "de Cinzas", como traçar essa fuga da realidade, como uma forma delas mesmas trazerem para si, uma identidade de quem são, ou de quem devem ser, a personagem Chikani Makwakwa revela que o seu desejo era tornar-se cinzas, fuligens e poeiras, ao ser atingida por um raio fulminante assim como a própria mãe foi, como o termo ganhasse um tom de reconhecimento de quem é e o que se tornou mesmo depois do fim, a morte e ainda quer nomear a filha de Cinza também. Em contrapartida, Robles (2019, p.21) declara que a "mulher vem violentando a própria essência" no sentido de pôr a figura feminina enredada numa espécie de círculo de gerações em que todas elas viverão sucessivas experiências repetidas até findar como uma poeira, sem perspectivas de mudanças, sujeitas ao cenário de guerra e principalmente às vontades impostas pelos homens.

Em outra passagem, o termo Cinza é usado num sentido diferente do literal, já consta no sentido de proteção, conforme o trecho de Mia Couto (2015, p.27) retrata: " - Dei-lhe esse nome para a proteger. Quando se é cinza nada pode nos doer. Os homens bem me poderiam espancar. Ninguém haveria de me magoar. Era essa a intenção daquele batismo," o que revela

Indexadores:



o sentimento maternal, ou seja a mãe tentando cuidar da filha e também a mulher com o desejo de escudar outra mulher dentro de uma sociedade, especificamente retratada, em que a sua voz é silenciada, e o fato de encontrar um escape de não ser magoada pelo homem, mesmo diante da violência evidencia uma voz de resistência.

Apesar de, a priori, o campo fictício da obra representar uma civilização colonizada pelos portugueses, desaguando assim no insílio, descrito por Can (2020) condiz a questão dessa cinza, simbolizada pela personagem Imani, está em um exílio da própria língua, ou seja o fato de ela percorrer por um cenário de descolamento entre a língua nativa e o português, como tradutora local, deságua também, nas questões de identidade e autorreconhecimento do sujeito na construção da personagem.

5 CONCLUSÃO

Diante de tantas questões que a narrativa traz, várias reflexões inquietantes circundam os personagens, remetendo assim o desassossego. Tem-se como ponto inicial, o espaço de Moçambique traçado em contexto de guerra, em um conflito colonial, sendo este um dos estopins e reflexos das trajetórias dos personagens, é perceptível a moldagem da obra em uma visão dual, em que o autor insere dois narradores- personagens, em contraposição e ao mesmo tempo, em dados momentos, em convergência como resultante dos conflitos da guerra, nesse contexto apresenta-se, a figura de Imani, uma mulher moçambicana que é tradutora da língua do colonizador, e do outro lado a figura do colonizador português Germano, que usa o seu olhar narrativo por meio documentado por meio das cartas. O que difere, as formas de expressão em que a obra é narrada, por um lado a “fala” em que a mulher relata os fatos e por outro os transcritos expostos pelos textos epistolares do homem. Aponta-se, seja mais um desassossego que a obra acaba trazendo, o que vale mais para o leitor, a fala de uma mulher negra ou o registro documental de um homem branco?

Outro ponto irradiado na obra, transpassa pelo conceito de ideologia quanto ao sistema colonial, quanto a uma mulher moçambicana usar os signos linguísticos português, o que se justifica pela circunstância histórica, social e cultural. A personagem por vezes, deixa a cultura portuguesa sobressair, assim como os demais membros de sua tribo, que se juntam ao colonizador contra a luta contra o poder do imperador Ngungunyane, isso demonstra que o colonizador acaba por fazer o povo moçambicano desterritorializar a própria identidade.

Como também na primeira carta do português ao Conselheiro José d’Almeida, em tom de desabafo, em que retrata o olhar de si para o outro, em que externa inicialmente que está ali pelos interesses portugueses, mas no decorrer do seu relatório, desabafa que não quer dar “vida por este Portugal mesquinho e envelhecido”, o que demonstra uma certa angústia por naquele momento, não se reconhecer como parte da própria pátria, o que seria evidente por estar a serviço dela, apesar de Germano prosseguir na missão, dados momentos ele

demonstra uma dualidade entre sentimentos e obrigações do ofício, sendo que este último acaba prevalecendo.

Ao olhar a narrativa *Mulheres de Cinzas*, a teia construída entre o sentimento de amor entre os personagens, mas bem maior que isso, os desassossegos que entrelaçam entre eles, trazendo reflexões acerca da análise literária, dentro do campo filosófico, histórico e sociológico, fazendo assim, principalmente com as ideias de Bakhtin dentro do plano da realidade ficcional.

REFERÊNCIA

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra.. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1979. Disponível em: <Microsoft Word - Bakhtin - Marxismo e filosofia da linguagem.doc (hugoribeiro.com.br)> Acesso em: 19 abr. 2022

CAN, Nazir Ahmed. **O campo literário moçambicano**: Tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Editora Kapulana, 2020.

CARDOSO, Daniela. **Dialética Marxista em Bakhtin**. 1 ed.Curitiba: Appris, 2019.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas**: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana, livro 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FRANCISCO, M. Bakhtin e as primeiras cartas de “Carlos & Mário”: fronteiras e diálogos. **Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 55, p. 163–180, 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.2015v1n55p163-180. Disponível em: < <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2314>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GIROLA, M. K. **Signo e ideologia**: a contribuição bakhtiniana para a filosofia da linguagem. *Língua e literatura*, Rio Grande do Sul, n. 27. p. 319-322, jun. 2004.

PIRES, V. L. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. In: *Organon: os estudos enunciativos*, v. 32/33. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002

ROBLES, Martha. **Mulheres**: mito e deusas: o feminino através dos tempos. Tradução William Lagos, Débora D. Vieira. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2019.